

EDUARDO LOURENÇO, SOCIALISMO E HETERODOXIA

Havia essa seita. Mas eu não era dessa seita. Ou por outra, também fui um bocadinho.¹

A reflexão de Eduardo Lourenço sobre o socialismo, e em especial sobre essa corrente e movimento do socialismo (e também da democracia) que dá pelo nome de “socialismo democrático”, afigura-se-nos como uma parcela determinada e muito particular no grande mapa da reflexão cultural, filosófica, literária, verdadeiramente enciclopédica e humanística, de um polígrafo interdisciplinar. Limitaremos a nossa breve abordagem a alguns momentos dessa reflexão, que é mais vasta e rica².

O pensamento de Eduardo Lourenço parece-nos ser, nesta como noutras matérias, absolutamente fiel ao projecto dessa grande obra que marcou a sua *fortuna*, *Heterodoxia*³. Trata-se, pois, desde logo, de um socialista heterodoxo. E já o socialismo democrático poderia, em si, ser considerado também uma heterodoxia.

Esse parece-nos ser o primeiro problema, e aquele em que neste estudo nos haveremos de centrar (e também limitando-nos às suas primeiras reflexões *post-25* de Abril): será o socialismo democrático, ou seja, o socialismo dos “socialistas” (e de alguns que se dizem “social-democratas”: o problema em Portugal sempre foi polémico⁴), uma heresia relativamente ao socialismo ortodoxo, digamos, numa palavra, o socialismo dos comunistas? E com a institucionalização de um socialismo democrático mais “ortodoxo”, em si mesmo, não terá também de procurar-se uma nova heterodoxia socialista? É que, “Num dado momento tudo forma sistema, até o que parece situar-se fora dele” – como se afirma no início de “Ideologia e Dogmatismo”⁵.

Tudo pareceria passar, em boa medida, por Marx. Porém, a seguir ao 25 de Abril (e obviamente antes), os socialistas compreendiam no seu seio não poucos

¹ LOURENÇO, Eduardo — *Estou em Dívida para com a humanidade inteira*, entrevista de Carlos Vaz Marques. “Ler”, n.º 72, Setembro de 2008, p. 35 (referindo-se a uma “seita ideológico-literária” da sua geração). Importa ler a entrevista. A citação é obviamente utilizada com o valor simbólico de permanente espírito de heterodoxia, de um “Sei que não vou por aí!”.

² Contextualiza esta temática o recente livro do nosso amigo REAL, Miguel — *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa*, Lisboa, QuidNovi, 2008, máx. p. 157 ss.

³ LOURENÇO, Eduardo — *Heterodoxia*, ed. de Lisboa, Assírio & Alvim, 1987.

⁴ Tendo, por exemplo, afirmado nos tempos matinais da revolução SOTTOMAYOR CARDIA, Mário — in “Jornal de Notícias”, 10 de Janeiro de 1976: “(...) um partido social-democrata de esquerda não é um partido social-democrata de direita”. Talvez esta dicotomia explique a perene complicação do socialismo (nas suas diversas formas) vs. social-democracia entre nós. Cf. o nosso *Repensar a Política. Ciência & ideologia*, 2.ª ed., Coimbra, Almedina, 2007, máx. p. 269 ss. e n. 364. Outra dicotomia é a que evoca Eduardo Lourenço, para a refutar, entre “socialismo nórdico” e “socialismo do sul”, com ligações com a ideia de “norte rico” e “sul pobre”. Cf. LOURENÇO, Eduardo — “O Socialismo à Sombra de Hamlet”, in *O Fascismo nunca Existiu*, Lisboa, Dom Quixote, 1976, p. 202.

⁵ LOURENÇO, Eduardo — “Ideologia e Dogmatismo”, in *Heterodoxia II*, Coimbra, Coimbra Editora, 1967 p. 159.

marxistas, o programa do Partido Socialista considerava o marxismo não um dogma, mas um guia para acção, e o respectivo secretário-geral, Mário Soares, que com os comunistas travaria uma dura luta política, teria dito que o que os dividia não seria Marx, mas Lenine e os seus pósteros⁶.

Nesses tempos de Verão quente, publicara a própria Comissão Dinamizadora Central do MFA de apoio à Campanha de Dinamização Cultural e Acção Cívica também um testemunho sobre a ortodoxia socialista:

“Socialismo burguês é aquele que existe em certos países da Europa e que de socialismo só tem o nome. No fundo ele não se distingue muito da democracia burguesa, apenas lança um pouco mais de poeira nos olhos dos trabalhadores a fim de melhor ocultar a exploração capitalista. Socialismo proletário é o mesmo que democracia popular. Há socialismo proletário na União Soviética, na Hungria, na Alemanha Oriental, na Bulgária, em Cuba, etc. Nestes países a exploração do homem pelo homem acabou definitivamente e por essa razão o socialismo aí existente não é uma fachada”⁷.

Durante os debates da Assembleia Constituinte, o Partido Socialista em várias ocasiões do debate reivindicaria uma certa ortodoxia marxista⁸ (sempre na perspectiva de um socialismo humanista e de liberdade) contra os comunistas e seus aliados, a quem, por seu turno, a extrema esquerda ou “esquerda revolucionária” trotsquista e maoísta apelidava de “revisionista”. Ora o “revisionismo” (*hoc sensu* – porque hoje também se fala de revisionismo histórico com outra dimensão e outras colorações ideológicas) é, embora com conotação negativa, uma espécie de heterodoxia.

Em 26 de Julho de 1975, polemizando no “Jornal Novo” com Eduardo Prado Coelho (que cremos terá aderido mais tarde ao próprio Partido Socialista⁹: convertendo-se à “impureza” socialista?), Eduardo Lourenço reivindica para si o *socialismo impuro* que o primeiro criticara a Mário Soares, designadamente com este argumento decisivo:

“Diziam velhos teólogos que a pureza só se encontrava no céu ou no inferno. Não tenho a certeza de que o ‘puro socialismo’ ao serviço do qual mobiliza a sua caneta ágil não seja da segunda espécie, embora eu não o responsabilize pela existência dele mas apenas por escrever como se ele não existisse”¹⁰.

E mais adiante, insiste, noutra clave, filosófico-prática:

“Se Hegel escreveu que o Terror era a moral de Kant posta em prática, com mais verdade ((sim, com muito mais verdade, porque Hegel não estava certo: pobre Kant!)) se pode argumentar que o intolerável Arquipélago Gulag é filho directo dessa pureza ideológica, dessa capacidade metafísica que

⁶ O mesmo, porém, não teriam feito (mas de formas diversas e quiçá com alcance diferente) designadamente um Mário Sottomayor Cardia e um Francisco Salgado Zenha. V. *Idem — Ibidem*, p. 206.

⁷ Comissão Dinamizadora Central do MFA de apoio à Campanha de Dinamização Cultural e Acção Cívica — *O Que é a Política?*, s/e, s/d, p. 3.

⁸ Cf., para mais desenvolvimentos, o nosso *Ideologia e Direito na Constituição de 76*, in “Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor Jorge Ribeiro de Faria”, Faculdade de Direito da Universidade do Porto /Coimbra Editora, Março de 2004. Ainda sobre as posições do PS e do PPD (hoje PSD) na Constituinte o nosso *Direito Constitucional Anotado*, Lisboa, Quid Juris, 2008, p. 147 ss.

⁹ Enquanto Eduardo Lourenço teve momentos de afastamento do PS, como quando seria conotado com a UEDS, de Lopes Cardoso.

¹⁰ LOURENÇO, Eduardo — “Socialismo Impuro”, in *O Fascismo nunca Existiu*, p. 122.

um exíguo grupo de homens se atribui de separar o trigo do joio, a luz imaculada da revolução da espessa treva reaccionária”.

Contudo, depois desta tirada magistral, Eduardo Lourenço começa (cremos que será aqui que publicamente começa) a conceder, face ao monumento da ortodoxia, uma certa fragilidade da heterodoxia socialista. Até que ponto é um conceder retórico? Não nos parece que o seja. Heterodoxo, não recusa fraquezas de um pensamento que, já na altura, talvez pudesse ser considerado “débil”¹¹, por contraposição ao fortíssimo pensamento da ortodoxia comunista. Afirma mesmo preferir a fragilidade de um pensamento que não tem uma figura simbólica como a de “Marx”.

Pouco tempo depois, na revista “Opção”, insistirá de novo na fragilidade ideológica do socialismo democrático:

“É inútil fingir que o pensamento *socialista*, enquanto instrumento teórico da acção política incarnada pelos chamados partidos socialistas, tenha hoje aquele mínimo de coerência interna e eficácia práticas capaz de corresponder às esperanças que milhões de homens depositaram nele”¹².

Entretanto, se o autor não leu a proclamação da ala comunista-esquerdista do MFA que respigámos *supra* (que parece ter lido, e responder-lhe), estava obviamente a par das suas ideias, que na altura se difundiam profusamente aos quatro ventos, e já no artigo anterior explicitamente recusava a identificação da URSS e das democracias populares com um “socialismo democrático”¹³. Aqui, a expressão “socialismo democrático” terá, naturalmente, outro sentido. Porque o sintagma completo era já, na época, dotado de um significado, de uma conotação e de uma denotação precisamente contrárias ao socialismo “real” dos países do Leste europeu.

O debate com Eduardo Prado Coelho continuou, como se sabe, mas em alguns aspectos deixou o terreno mais teórico para discutir (sobretudo no II *Post Scriptum*) a prática e a composição sociológica do PS, assim como a prática do PCP e dos militares, etc. Será no II *Post Scriptum* que a questão ideológica nos parece voltar mais profundamente, começando com a questão da sociedade sem classes, a qual Eduardo Lourenço justamente considera como “teoricamente justo, mas abstracto” para *quid specificum* do socialismo. Por essa altura, a Declaração de princípios do que viria a ser o partido mais à direita do espectro constituinte, o CDS – Centro Democrático Social – também defendia uma “sociedade sem classes”, além de uma via original para o socialismo... E a mesma reivindicação da “sociedade sem classes” para a democracia cristã pode ainda ver-se no respectivo artigo na Enciclopédia Pólis, no ano de 1984¹⁴.

É naquele mesmo texto que Eduardo Lourenço nos parece acrescentar um elemento importante à sua aproximação ao socialismo: ele não é só *impuro*. Ele é

¹¹ Referimo-nos, evidentemente, ao conceito em Vattimo: http://it.wikipedia.org/wiki/Pensiero_debole

¹² *Idem* — *O Socialismo ou o Complexo de Marx*, in “Opção”, n.º 1, 1976, p. 25.

¹³ *Idem* — “Socialismo Impuro”, cit., p. 124.

¹⁴ FREITAS DO AMARAL, Diogo — *Democracia Cristã*, in “Pólis”, São Paulo / Lisboa, Verbo, 1984, vol. II, col. 91.

aberto. E essa abertura irá levar, no futuro, como sabemos, a muitas leituras e muitas novas “vias”. Assim, afirma:

“(…) quando o *socialismo* não é ninguém, nem algo que seja confiscável senão ao nível do ‘imaginário’, mas o processo mesmo através do qual a ex-classe dominada toma uma posse criadora dos instrumentos da produção social no seu conjunto, cumprindo nessa subversão não só o resgate da sua alienação própria, como o da sociedade inteira que nessa alienação se alienava”¹⁵.

Mas neste trecho está também um tópico essencial ao problema de fundo: o carácter teórico, do imaginário, do conceito e da ideia (dir-se-ia, com esta dicotomia) do socialismo. Ora, coisa teórica que antes de mais é, o socialismo, em qualquer das suas versões, e em si mesmo, pode ser concebido de forma muito diversa. E onde uns vêem ortodoxia, apontam outros heresia.

Num outro texto ainda deste período inicial da Revolução, de 6 de Março de 1976, Eduardo Lourenço dá conta de uma possível inversão de canonicidade (não nos atrevamos a falar já em ortodoxia). É que o autor distingue, não tanto entre sociais-democratas e socialistas, nórdicos e sulistas, ricos e pobres, mas entre fiéis a alguma pureza (ainda que impura) e os puramente oportunistas e camaleónicos:

“A divergência (...) é entre partidos para os quais a sigla ‘socialismo’ tem um conteúdo complexo mas inegavelmente *socialista*, e aqueles para quem a mesma sigla traduz uma prática reformista sem princípios, voluntariamente ambígua em todos os planos, desde o económico ao das relações exteriores (...)”¹⁶.

Apesar da sua abertura e da sua impureza, haverá, certamente, um círculo mínimo, um núcleo duro, com o qual se é realmente socialista, e sem o qual se deixa de o ser.

Outro não nos parece ser também o sentido da citação de Adolfo Casais Monteiro que o autor coloca em exergo do seu ensaio sobre Antero, *Antero ou du socialismo comme utopie*:

“Que ele tenha sido socialista à Marx ou à Proudhon é relamente de importância secundária; o que importa é saber-se que o socialismo não foi para ele uma ‘atitude’ – mas uma maneira de ser”¹⁷.

Embora não se possa dizer que, no geral, seja apenas a atitude ou a vivência socialista o único critério de *socialismo impuro verdadeiro*.

Este ensaio parece-nos abrir mais uma porta de teoria: ultrapassando a dicotomia, muito determinada pela polémica do Verão quente de 75 e seu rescaldo, entre pureza e impureza socialistas. Puro ou impuro o socialismo de Antero? Decerto de uma outra pureza, de pureza num sentido totalmente outro, *pureza de alma...* Daí o seu utopismo. Se o socialismo comunista ortodoxo clássico, o socialismo “real”, apesar de Marx se ter negado a “dar as ementas para os restaurantes do futuro”, é um exemplo da

¹⁵ Idem — “II Post Scriptum para Eduardo Prado Coelho”, in “Jornal Novo”, 21 de Agosto de 1975, in ex in *O Fascismo nunca Existiu*, cit., p. 142.

¹⁶ Idem — “O Socialismo à Sombra de Hamlet”, cit., pp. 202-203.

¹⁷ Idem — *Antero ou du socialismo comme utopie, Separata de Utopie et socialisme au Portugal au XIXe siècle*, Actas do Colóquio, Paris, 10-13 de Janeiro de 1979, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1982, p. 259.

utopia racionalista, geométrica, concentracionária e totalitária, já o utopismo de Antero, fundador do primeiro partido socialista português, constitui o poético sopro de renovação. Onde está o socialismo impuro, entre estas duas formas adversas de pureza? Dir-se-ia, recordando Eduardo Lourenço e os velhos teólogos, uma do inferno e outra do céu?

Mas o debate continuou, e sobretudo a História não parou. Com algo de profecia, Eduardo Lourenço terminava o seu primeiro artigo de resposta a Eduardo Prado Coelho com o voto de que o maniqueísmo trágico da oposição comunistas-socialistas não viesse a ser pago “com língua de palmo”¹⁸. Pensava explicitamente em Praga e Santiago do Chile. Mas pode sempre haver outras formas de “pagar”. Também em clave semelhante conclui o seu ensaio shakespeariano, aludindo a um espectro a pedir de contas “do Socialismo evaporado”¹⁹.

O tempo passa, e o diagnóstico foi muito crítico: no seu estudo *Esquerda na Encruzilhada ou Fora da História?*, de 2002 e republicado em 2003, afirma nomeadamente sobre o socialismo democrático:

“Como tendo tão rara e penosamente chegado ao poder na maioria das sociedades ocidentais não esteve à altura das suas responsabilidades? Como tendo sacrificado tanto na sua luta para tornar a sociedade mais justa e igualitária sucumbiu, como se o vírus burguês fosse fatal, à atracção dos valores e das práticas dos seus inimigos? Como se mimetizou ao ponto de se tornar, nos seus responsáveis, numa classe política dificilmente discernível daquela que pretendeu substituir e superar?”²⁰.

Num dos primeiros artigos da sua reflexão, tinha Eduardo Lourenço afirmado:

“(..) diante da *ideologia perfeitamente estruturada do socialismo-comunista*, aquilo a que se pode designar de *ideologia socialista*, ideal teórico de um *socialismo-outro*, ou não tem rosto, ou se resume numa amálgama de verdades ou lugares-comuns caídos da grande árvore marxista ou da mais frondosa ainda do marxismo-leninismo. Para sermos claros: *Não existe ideologia socialista*, ou se se prefere, aquilo que por tal se toma, não tem o poder de convicção *íntima e exterior* que torna o marxismo tão revolucionário.”²¹

Contudo, essa fraqueza parece manter em latência a possibilidade de ser superada. Apesar de ser um texto de vitória eleitoral, publicado no órgão oficial do PS, não deixará de poder ver-se essa aspiração a um ideologia socialista autónoma (e não o *fatum* da heresia marxista apenas) neste passo:

“Não houve nunca, mas menos há agora, motivos para que o Partido Socialista se determine negativamente ou viva fascinado pelo espectro de partidos minoritários com inegável capacidade de luta e de proposição revolucionárias. Sendo socialista e sem necessidade de *surenchères* demagógicas infantilizadas, o Partido Socialista não precisa de se nortear por ninguém, nem de sentir complexos diante

¹⁸ Idem — “Socialismo Impuro”, p. 127.

¹⁹ Idem — “O Socialismo à Sombra de Hamlet”, p. 207.

²⁰ Idem — *Esquerda na Encruzilhada ou Fora da História?*, “Finisterra. Revista de Reflexão e Crítica”, Outono 2002, n.º 44, pp. 7-11 (cit. da p. 10), in ex “Público”, 18 de Fevereiro 2003, p. 12.

²¹ Idem — *O Socialismo ou o Complexo de Marx*, in “Opção”, cit., p. 25.

de que partido for”²².

Atente-se no título deste texto: *Merecer a Vitória e o Nome*. Sempre a preocupação pela identidade do *quid* socialismo. E a questão da identidade é recorrente em toda a sua obra²³.

Num clima revolucionário, a tendência para disputa entre os dois principais protagonistas da marca socialismo, marca então dominante no mercado das ideias²⁴, era naturalmente de molde a acentuar as clivagens. O mundo globalizado do neoliberalismo, em que o comunismo sofreu duríssimo revés com a queda do muro de Berlim, o fim da URSS e um certo revisionismo na China, e o socialismo democrático foi evoluindo para terceiras vias e afins, sob a crítica de ter esquecido os princípios, colocará mais em evidência não apenas o que possa unir os que se reivindicam do socialismo, *tout court*, como ainda todos os que tenham um projecto social, por contraposição ao neoliberal? Se sim, englobar-se-iam na mesma ampla “frente” não apenas socialistas puros (comunistas), como impuros (democráticos), como ainda, quiçá, além da esquerda revolucionária, social-democratas de esquerda (não neo-liberais), social-liberais e até democratas cristãos (de esquerda e até de centro) que partilhem da comum fé no Estado Social e nos direitos sociais. Na adversidade do socialismo contemporâneo ter-se-á encontrado, finalmente, a sua pedra de toque e cerne, para o futuro? Não amanhã que cantam nem sociedade sem classes, mas, simplesmente o Estado e os Direitos sociais? Pois não foi já afirmado que é esse o sentido do “socialismo” que permanece inscrito no Preâmbulo da nossa Constituição? Estado social em liberdade, evidentemente, pode ser o mínimo denominador comum de uma ampla frente em que comungam socialistas, puros e impuros, e ainda outros. Mas tal não nos parece que resolva, por si, o problema da pureza e do dogma do socialismo. Precisamente porque, por essa ordem de ideias, todos os que *ainda* defendem o Estado social seriam (ainda que apesar deles próprios)... socialistas.

Outra alternativa deve pois haver, que liberte a polémica sobre o socialismo da arqueologia museológica, se não, mesmo, dos caixotes do lixo da História para que alguns já a votam, morta e enterrada.

O interessante, porém, é que há socialistas, por exemplo em França, que parecem fazer *hara-kiri* ideológico, considerando que o passo em frente é precisamente a própria negação. É o caso de Manuel Valls, cuja tese fica esclarecida pelo título do seu recente livro: *et devenir enfin de gauche*²⁵. O que nos parece profunda contradição nos próprios

²² Idem — *Merecer a Vitória e o Nome*, in “Portugal Socialista”, 9 de Maio de 1975, in ex in *O Fascismo nunca Existiu*, cit., p. 119.

²³ Avultando a questão da identidade nacional e seus labirintos: Idem — *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Dom Quixote, 1978.

²⁴ GIANNETTI, Eduardo — *Mercado das Crenças. Filosofia Económica e Mudança Social*, trad. bras. de Laura Teixeira Motta, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

²⁵ VALLS, Manuel (entretiens avec Claude Askolovitch) — *Pour finir avec le vieux socialisme... et être enfin de gauche*, Paris, Laffont, 2008.

termos.

A questão, em geral, parece estar em latência no imaginário político e nas relações entre ideologias, numa perspectiva até de genealogia das ideologias. Alguém considerou já que a social-democracia é um heresia do marxismo, enquanto a democracia cristã o seria do liberalismo. O problema é que o projecto de socialismo de que falava Eduardo Lourenço em 1975 e 1976, e que Manuel Alegre sintetizou um dia como “o método científico de Karl Marx, o sonho de Antero, a pedagogia de António Sérgio e o realismo criador de Mário Soares”, pode ser concebido de outra forma que como simples heresia ou impureza. Pode ser concebido como um novo composto, que não tem necessariamente de complexar-se com Marx, como com Marx se não complexaram os Fabianos britânicos e velho *Labour*²⁶.

A relativa *epochê* do socialismo afirmativo (ou o seu longo limbo “na gaveta”) não terá trazido a paz nas hostes sociais *latissimo sensu*. Pois elas se continuam a excomungar reciprocamente, embora os pluralistas e impuros o não façam em nome da ortodoxia, mas da *praxis*.

Se Marx significar mais que Marx, e sobretudo mais que esse Marx que se disse não marxista, poderemos quiçá sintetizar que o que divide os socialismos é uma questão de fé e de dogma (recordando também um título de Sottomayor Cardia²⁷) ou de um método crítico mas sem receitas para cozinhas futuras²⁸. Ao fanatismo literalista escriturístico de um marxismo e de um socialismo dogmáticos se opõe o marxianismo inspirador (e por isso dialogante e susceptível de hibridações) do espírito que vivifica. Foram a letra, o dogma e a utopia fechada que mataram o socialismo real. E o mesmo espírito fechado – já chamado “teologia de mercado” - está a matar o seu sucessor e gémeo-inimigo neoliberal. E contudo o último “Magazine Littéraire” já tem como título “Marx: Les raisons d’une renaissance”²⁹.

Paulo Ferreira da Cunha

²⁶ CRICK, Bernard — *Socialism*, The Open University, 1987, trad. port. de M. F. Gonçalves Azevedo, *Socialismo*, Lisboa, Estampa, 1988. A propósito de uma comparação entre o Reino Unido e Portugal, cf., ABREU NUNES, Filipe — *Mudança de Valores e de Estratégia nos Partidos: O PS e o Labour em Comparação*, in “Finisterra. Revista de Reflexão e Crítica”, 2001, p. 141 ss.

²⁷ SOTTOMAYOR CARDIA, Mário — *Socialismo sem Dogma*, Mem Martins, Europa-América, 1982.

²⁸ Comentando a questão, v.g., CALVINO, Italo — *Una Pietra Sopra*, trad. port. de José Colaço Barreiros, *Ponto Final. Escritos sobre Literatura e Sociedade*, Lisboa, Teorema, 2003, p. 306 ss.

²⁹ “Magazine Littéraire”, n.º 479, Outubro de 2008.

Paulo Ferreira da Cunha, doutor por Paris e Coimbra, é catedrático de Direito Constitucional e de Filosofia do Direito. Autor de mais de 70 livros e de 300 artigos, editados em 9 línguas. Prémio Jabuti de Direito .